

Brazileiras celebres

I

Amor e fé

PARAGUAÇU' OU CATHARINA ALVES—MARIA BARBARA
—DAMIANA DA CUNHA E OS CAYAPÓS.

Ao christianismo deve o Brazil os nomes que nos transmittiram as gerações passadas d'essas mulheres que, arrancadas ás brenhas, vieram á luz da civilisação ostentar as virtudes, cujo germen tinha a divindade depositado em seus generosos corações ; estranha contrariedade das mulheres creadas no seio do catholicismo, educadas nas maximas do Evangelho e que despenhadas pelos degráus do vicio ás ultimas classes sociaes tornam-se o labéo e o escárneo da propria humanidade.

Paraguaçu ou Catharina Alves, a bella e virtuosa esposa de Caramurú; Maria Barbara, a martyr do amor conjugal; dona Clara Camarão, a guerreira e Damiana da Cunha, a mulher missionaria, são as dignas representantes por parte de seu sexo, d'essa raça desgraçada e infeliz, cuja autonomia ali vamos absorvendo ou anniquilando todos os dias, até a sua completa extinção.

*
**

Catharina Alves é um dos nomes á que se ligam as mais romanescas tradições brazileiras.

Filha do principal (*moru bixaba*) de uma aldêa de Tupinambás, mereceu pela sua belleza e qualidades a preferencia do famigerado Diogo Alvares entre as mais distinctas Indianas de seu tempo. As aguas do baptismo a regeneração da culpa original, e a Igreja

reconheceu-a depois por esposa daquelle a quem ella votára o mais puro amor, legitimando assim a sua união conjugal.

Diogo Alvares, natural de Vianna do Minho em Portugal, foi arrojado as praias do Brazil, victima do naufragio de uma caravella que se presume ter-se perdido sobre os parcéis de *Mairapé, o caminho do estrangeiro*, na linguagem poetica de seus antigos habitantes.

Ahi, ainda com os vestidos humidos e pesados, curvou-se sobre as praias encantadoras; seus olhos se alçaram para os céos; e a invocação de *Salvador*, que dirigiu a Divindade, deu nome a magnifica bahia que desdobrava-se a seus olhares.

Corria então o anno de 1510 e aquellas paragens eram mal visitadas dos Europeus; e pois os Tupinambás o viram com admiração sahir do mar, com a physionomia completamente estranha para elles não só pela alvura do rosto como pela espessura e comprimento de sua barba, e conduziram-no para a sua aldêa.

Segundo os costumes dos barbaros era o naufrago seu prisioneiro, e devia servir-lhes de pasto nos seus festins antropophagicos; gosava, porém, o misero captivo de certas homenagens até a aproximação do dia fatal.

Quiz, porém, a boa fortuna de Diogo Alvares que como fossem regeitadas pelo mar armas e polvora, que recolheu cuidadosamente; era o céu que lhe confiava do seu temivel mosquete o raio que devia subjugar os seus senhores, e dar lhe um dominio absoluto sobre os seus animos. Explica-lhes a serventia de seu instrumento bellico, e provou com o exemplo que tem nas suas mãos a punição dos seus inimigos que ousem fazer o menor damno; o tiro disparado do mosquete, cujos projectis vão abater a ave que paira nos ares, enche de assombro os selvagens, que fogem espavoridos bradando na sua lingua: *Caramuri! Caramuri!*

Esse nome na sua linguagem pittoresca e poetica era bem cabido ao homem que elles tirham visto sahir como que do meio das ondas com o seu terrivel mosquete; pois por esse nome conheciam uma especie de morea grande, de dez a doze palmos de comprimento, armada de dentes venenosos que inoculam a morte por meio da mordedura.

Desde então tornou-se Diogo Alvares o verdadeiro Caramurú, o ente sobrenatural, que devia guial-os á victoria nas guerras que pelejavam de continuo contra os seus visinhos, como as feras de seus proprios bosques.

Senhor da lingua geral, fallada em toda a costa do Brazil, acabou Diogo Alvares por ganhar a completa obediencia dos selvagens em razão do desenvolvimento de sua intelligencia e tratou de lançar entre elles os fundamentos de uma povoação mais solida ou menos nómada.

Mereceu a sua attenção o sitio da Graça, pouco distante da praça onde agora existe a igreja parochial da Senhora da Victoria, conhecida ainda hoje por *Villa Velha*, denominação que começa a cahir em esquecimento.

Conta-se que Diogo Alvares ahi fizera construir novas cabanas, muito mais decentes ao recato das familias e que aproveitando-se dos fragmentos de seu navio, erigiu uma rustica capella, dedicada a Nossa Senhora da Graça, na qual hasteou o pendão da remissão da humanidade.

Era Diogo Alvares o alvo de todas as attensões, e os chefes das diversas aldêas tupynambanas o sollicitavam para esposo de suas filhas; accitou porém, o feliz e joven portuguez a mão de Paraguaçú, a filha do chefe que primeiro o recolhera e cuja hospitalidade tão fatal lhe poderia ter sido.

E' voz ainda hoje que abordando áquellas praias um navio francez d'esses que se empregavão no trafico do *Brazil*, permutando-o pelas mais futeis merca-

dorias da industria europea, aproveitára-se Caramurú do offerecimento do capitão e transportára-se á França com a sua Paraguassú. A tradição narra em tocante episodio a morte de uma Indiana que por largo tempo acompanhou a nado a nau, até que succumbiu entre as ondas, victima do amor e da saudade.

José de Santa Rita Durão, que commemorou em bellissimo poema as aventuras de Caramurú, revistindo das côres da poesia essas tradições populares, não obstante a historia negar a sua veracidade por falta de documentos em que melhor se basei, assim nos pinta tão pugente quadro :

E' fama então que a multidão formosa
Das damas que Diogo pretendião,
Vendo avançar-se a nau na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdião;
Entre as ondas com ancia furiosa
Nadando o esposo pelo mar seguíão,
E nem tanta agua que fluctua vaga,
O ardor que o peito tem banhado, apaga.

Copiosa multidão da nau franceza
Corre a ver o espectáculo assombrada,
E ignorando a occasião de estranha empreza,
Pasma da turba feminil que nada:
Uma que as mais precede em gentileza
Não vinha menos bella do que irada;
Era *Môema*, que de inveja geme,
E já visinha a nau, se apêga ao leme.

« Barbaio a bella diz, tigre e não homem !...
« Porém o tigre, por cruel que breme,
« Acha forças amor, que em fim o domem,
« Só a ti não domou por mais que eu te ame:
« Furias, raivas, coriscos, que o ar consomem,
« Como não consumis aquelle infame ?
» Mais pagar tanto amor com tédio e asco...
« Ah ! que corisco és tú...raio...penhasco !

« Bem puderas, cruel, ter sido esquivo
« Quando eu a fé rendia ao teu ingano,
« Nem me offenderas a escutar altivo,
« Que é favor dado a tempo, um desengano:
« Porém, deixando o coração caloso
« Como fazer-te a meus rogos sempre humano
« Fugiste-me, traidor, e desta sorte
« Paga meu fino amor tão crua morte ?

« Tão dura ingratição menos sentira,
 « E esse fado cruel doce me fôra,
 « Si a meu despeito triumphar não vira
 « Essa indigna, essa infame, essa traidora;
 « Por sêrva, por escrava te seguira,
 « Se não temera de chamar *senhora*
 « A vil Paraguaçú, que, sem que o creá,
 « Sobre ser-me inferior, é nescia e feia.

« Em fim tens coração de ver-me afflicta
 « Fluctuar moribunda entre essas ondas;
 « Nem o passado amor teu peito incita
 « A um ai somente com que aos meus respondas;
 « Barbaro, si esta fé teu peito irrita
 « (Disse vendo-o fugir), ahí não te escondas
 « Dispara contra mim teu cruel raio !...»
 E indo a dizer o mais cae n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos pasma e treme
 Pallida a côr, o aspecto moribundo;
 Com mão já sem vigor soltando o leme
 Entre as salsas escumas desce ao fundo;
 Mas na onda do mar, que irado freme,
 Tornando a apparecer des-te o profundo:
 « Ah Diogo cruel !» disse com magua,
 E sem mais vista ser sorveu-se n'agua.

Chorarão da Bahia as nymphas bellas,
 Que nadando a Mõema acompanhavão.
 E vendo que sem dôr navegão d'ellas
 A' branca praia com furor tornavão:
 Nem pode o claro heroe sem pena vel-as
 Com tantas provas que de amor lhe davão,
 Nem mais lhe lembra o nome de Mõema
 Sem que o amante a chore ou grato gema.

Si Diogo Alvares foi com effeito a Europa, breve tempo demorou-se na esplendida cõrte de França, si é que passou de Dieppe, onde fôra unicamente fazer baptizar a gentil Paraguaçú e legitimar á face da Igreja a sua união, tanto mais que a tradição diz que voltara no mesmo navio. Regressando a America, aqui o veio encontrar Francisco Pereira Coutinho, a quem dom João III acabava de galardoar os seus serviços prestados na India doando-lhe uma das mais riquissimas capitánias em que dividira o Brazil.

O donatario Francisco Pereira Coutinho aportou a Bahia em 1537; Caramurú ajudou-o na fundação da

sua colonia, mas os Portuguezes, longe de alliaem-se aos selvagens, romperão em encarniçada lucta, o vencedor dos povos indicaticos viu eclipsar-se o esplendor de suas victorias, e retirou-se para a capitania de S. Jorge dos Ilhéos, onde os Tupinambás vivião em paz com os Europeus.

Diogo Alvares o acompanhou com a sua Paraguaçu, e suas filhas, duas das quaes já estavam cazadas com colonos; annos depois naufragava elle com o donatario nos parceis da ilha de Itaparica, de que a poesia derivou o nome do pae de Paraguaçu. Coutinho, que recolhia-se a sua antiga colonia a instancias dos Tupinambás, pereceu ás mãos desses barbaros, e, a excepção de Caramurú, todos os seus companheiros tiverão a mesma sorte.

Viveu ainda Diogo Alvares por muitos annos; recebeu o governador Thomé de Souza e foi-lhe assaz util na fundação da antiga capital do Brazil, até que tranquillamente expirou nos braços de sua consorte e no meio de toda a sua numerosa descendencia, em 5 de Outubro de 1557.

Não sobreviveu-o por muito tempo a feliz Catharina Alvares e seus despojos mortaes descansão na Igreja do mosteiro de Nossa Senhora da Graça onde puzerão o seguinte epitáphio :

«Sepultura de Dona Catharina Alvares, Paraguaçu, senhora que foi desta capitania da Bahia, a qual ella e seu marido, Diogo Alvares Corrêa, natural de Vianna, derão aos senhores reis do Brazil; edificou esta capella de Nossa Senhora da Graça e a deu com as terras annexas ao patriarcha de S. Bento em o anno de 1582».

No convento existe tambem o retrato de Dona Catharina Alvares, mas talvez tenha a mesma exactidão que tem a epocha da doação das terras, já quando seu marido era morto, e ella tambem, a menos que queirão que fallecesse com mais de oitenta e seis annos; e até o mesmo nome de Caramurú é inexacto.

Paraguaçu teve quatro filhos de Diogo Alvares, e não ha muito tempo que uma de suas descendentes pedia ao governo imperial a graça de um titulo por ser a unica que não o possuia.

É pois a sua descendencia uma das mais illustres da cidade da Bahia, e é d'esse tronco que vem a casa da *Torre*, tão celebre pela sua opulencia.



Entre as paginas votadas ás Brasileiras pelas suas acções magnanimas, pelos seus feitos de valor, pelas suas provas de amor da patria, pelos seus rasgos de desinteresse pelos seus exemplos de virtude, pelos seus actos de piedade e religião, pelas suas produções artistica, litteraria ou scientificas, consagremos tambem uma pagina a uma pobre e modesta mameluca.

Heroínas domesticas, sem admiradores nem poetas, sem imprensa nem tribuna, sem corôas nem estatuas, sem gloria nem apotheosis, as mulheres exercem a pratica de todas as virtudes, em quanto que os homens, arbitros ou legisladores da sociedade, heroes ou reis do seculo, se contentão com as suas theorias. O seu fausto, o seu esplendor, o seu arruido, o seu povo, as suas aclamações são as mudas e silenciosas paredes da sua habitação, são os seus cuidados, são a sua familia. A sua vida toda de deveres é como que um exemplo continuo, um exemplo santo, um exemplo justo, do qual nenhum premio esperão neste valle de soffrimentos e prazeres, de risos e lagrimas, e que se ha alguma recompensa podem ou devem aspirar, é por sem duvida á bemaventurança, que a divina Providencia reserva na sua santa gloria aos seus mimosos, aos seus predilectos, ao seus escolhidos. É a esperanza de além tumulo, nuvem dourada, que no horisonte reflecte os rios do sol no poente !

A fidelidade conjugal, um mais dos nobres caracteres da mulher, que como o diadema da sua pureza, que

como a corôa da sua honestidade brilha nobremente sobre a sua cabeça, que jamais se curvou á deshonra, que jamais repousou sobre a perfumada almofada do vicio, a acompanha triumphantemente da hora do hymineu á da sepultura, do thalamo do amor puro ao leito eterno da morte. Santa virtude, que pertence a todas as classes, altas, medianas e baixas da sociedade, e que, como o diamante e o ouro tanto brilha nas areias de um regato, como na corôa de um rei, tanto realce tem na magnificencia admiravel dos paços sob os seus abrilhanta dos tectos, como na humildade doce e enternecedora da choupana, entre as suas rusticas e pobres paredes.

Pura era a vida da mameluca—da mulher descendente de christãos ou de barbaros selvagens, mas educada sob o catholicismo, e que vivia satisfeita naquelle engano d'alma, de que fala Camões, e que a fortuna invejosa raras vezes deixa durar, e que morreria ignorada do mundo, que baixaria á valla commum dos mortos, ao seio da mãe da humanidade, com toda a sua virtude, tendo unicamente a oração fervente de mistura com algumas lagrimas, e com alguns ais da saudade de seus parentes, ao dobrar lugubre mas passageiro dos sinos da sua aldeia, e a recompensa eterna da sua castidade na outra vida, se outro fosse o seu fim, se a peripecia da sua existencia não convertesse o drama frio e commum da sua vida n'uma tragedia horrivel, que tão grande brado deu de seu existir, que tão alto proclamou o seu nome e que por toda a parte assoalhou o seu exemplo de amor conjugal.

A misera e mesquinha bem longe estava do galarão, que lhe destinava o mundo depois do seu voluntario martyrio. Desconhecida esposa de ignorado soldado, Maria Barbara, que tantas provas havia dado do seu amor conjugal, foi assassinada cobarde, fria e cruelmente, junto da Fonte do Marcco, não longe da cidade de Belém, capital do estado do Pará, pela mão homicida, que embalde pretendeu manchar a sua castidade. Resignada preferiu a morte á deshonra, e como mansa

ovelha, corôada das flores do sacrificio, deixou-se degolar pelo perfido assassino, que lhe abriu as portas da gloria ao som dos hossanas dos santos e innocentes martyres.

Tomou de um anjo as scintillantes azas,
E para o ceo voou !

Ah ! e quantas mulheres, avidas da palma do martyrio, não invejarião a sua morte ! Como um epitaphio bem merecido, um poeta, filho do magestoso Amazonas, Bento de Figueiredo Terneiro Aranha, inspirado pela sublimidade do assumpto, escreveu sobre a sua sepultura estes maviosos, estes sublimes versos que arrancão suspiros e ais á alma mais estoica, e que se não podem ler sem que os olhos se humedeção de de lagrimas, sem que a alma fique possuida de um não sei que de saudade e compaixão, e que, para nós ervimos da phrase de Victor Hugo, são qual doce e onginquo som, que se escuta ainda por muito tempo:

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspecto
Esta nova ao esposo afflicto, errante...

Diz-lhe, como do ferro penetrante,
Me viste por nêl cravado o peito,
Lacerado, insepulto e já sujeito
O tronco frio ao côrvo altivolante.

Que de um monstro inhumano lhe declara
A mão cruel me trata desta sorte;
Porém, que allivio busque á dor amara.

Lembrando-se, que teve uma consorte;
Que por honra da fé que lhe jurara,
À mancha conjugal prefera a morte.

*
* *

A fé, o divino pharol que nos guia a eternidade
deve o novo mundo a sua civilisação, o seu progresso

e a sua liberdade; mas essa luz pura e celeste não penetrou nas bellas florestas da America, não desceu por seus caudalosos rios, nem subiu as suas altissimas cordilheiras levada somente, como se pensa, por esses famosos padres que, triumphando de todos os obstaculos, fizeram ouvir a voz do Envagello no proprio festim da anthropologia d'essas hordas barbaras entre os povos barbaros.

A mulher que baixara do Calvario ao lado do padre depois do tremendo sacrificio, tinha tambem direito á gloria de tão santa missão, e Damiana da Cunha realisou em nossa patria tão sublime tarefa.

Os Cayapós a reconheciam por sua soberana, os homens civilisados chamavão-na a neta do cacique; mas a posteridade designa-a por mulher missionaria, e essa designação equivale a uma apotheose.

Essa tribu bravia, valerosa e intrepida, conhecida tambem pelo nome de Coroados, dominava os sertões de Camapuan, mas nas suas caçadas e correrias alargavam-se até Curitiba. Vagava nua empunhando o arco e a seta e manejando com destreza o tanguape, especie de massa. Contava os mezes por luas; fazia grande vozeria as suas festas e jogos em que exercitava as suas forças; tinha ajuntamentos nocturnos e com dansas e tinta de negro celebrava as exequias de seus mortos. Erão elles altos, bem apessoados e passavão entre os Indianos por bellos.

Os paulistas que descobrirão Goyaz, levarão suas bandeiras triumphantes aos sertões dos miserandos Indios.

A avidez das riquezas as animava, e ao passo que revolvião os leitos dos rios em procura do metal que lhes accendia a cobiça, travavão guerra de morte com as tribus selvagens, e os prisioneiros tinham por condição a escravidão.

Os Cayapós, zelosos de sua independencia, jurarão-lhes a guerra do exterminio e levarão suas excursões até os seus estabelecimentos situados na parte

septentrional de S. Paulo; as bandeiras erão repellidoas com denodo e os saques das caravanas abrilhantavão-lhes o triumpho como tropheos da victoria.

Nessas circumstancias resolveu o governador Luiz da Cunha e Menezes reduzil-os á vida social por meios brandos, que até ali se havião esquecido de empregar. Luiz, simples soldado que fizera parte das bandeiras, foi escolhido para essa missão; puzerão-no á frente de cincoenta Goyazes e tres Indios que devião servir de linguas, e Villa Bôa viu esperançosa sahir para o sertão essa expedição de paz, no dia 15 de fevereiro de 1780.

Longos mezes errárão esses intrepidos aventureiros pelos desertos das feras, sustentando-se da caça e de mel selvagem; procurando com signaes pacificos os intrepidos Cayapós, e dirigindo-lhes por meio de seus interpretes, palavras cheias de paz e conciliação; repartindo com elles brindes pueris, pelos quaes esperavão alcançar nada menos do que a liberdade bravia de que gozavão. Alguns d'entre elles se deixarão captar de tanta benevolencia e quizerão por si mesmos conhecer o *grande capitão* de quem tanto e tão bem lhes fallavão esses aventureiros missionarios, e pcis decidirão-se a acompanhar a expedição até a capital de Goyaz.

Villa Bôa amanheceu ruidosa de alegria. O cabo da bandeira pacifica entrava a frente de sua expedição, tendo por sequito quarenta Cayapós entre homens, mulheres e crianças. Vinha na frente delles um ancião, de physionomia nobre e agradável, guardado por seis guerreiros, com seus arcos e flexas e terriveis massas. Era o maioral de uma tribu dessa altiva nação indiana, e entre as mulheres caminhava a sua filha trazendo um menino pela mão e uma linda criancinha ás costas, sentada numa especie de rede de cipó pendente de uma faxa que lhe cingia a cabeça.

O feliz soldado foi recebido com pomposa festa; a artilheria saudou os bemvidos filhos das florestas,

e á igreja parochial de Santa Anna abriu de par em par as suas portas, e ao som dos canticos biblicos renderão-se graças ao Senhor pelo exito da expedição. Agradecido o ancião com o acolhimento que tivera, enlevado com os encantos e gozos que lhe offerecia a vida social, declarou que não voltaria á existencia nomada e selvagem de seus bosques. Despediu os seus guerreiros e marcou lhes o praso de seis luas para que voltassem trazendo os Cayapós que se tinham deixado ficar em suas pobres palhoças, e que dizia elle, erão tão numerosos como as estrellas.

Tratou-se de admitir ao seio do christianismo as criancinhas, purificando as da macula nas aguas regeneradoras da pia baptismal, e pois a filha do ancião recebeu o nome de Damiana e o governador que lhe serviu de padrinho lhe deu o seu illustre appellido.

Ao principio forão estes Indios estabelecidos na aldeia Maria assim chamada em honra da rainha que então empunhava o sceptro do imperio lusitano, mas com os novos descimentos crescerão em avultado numero, que força foi repartil-os pela aldeia de S. José, deserta pela extincção de seus primitivos habitantes Acroás, Javaes e Carajás.

Não era a aldeia de S. José uma simples reunião de ligeiras choupanas apropriadas a seus moradores a maneira de suas malocas.

O governador e capitão general José de Almeida e Vasconcellos Soberal e Carvalho que lhe dera o sobre nome de Mossamedes, denominação de seu baronato, fez construir casas com bonita apparencia, entre as quaes collocou um palacio de recreio para os governadores, consumindo enormes sommas em taes construcções, um tanto sumptuosas relativamente á sua localidade.

Elevava-se a aldeia sobre uma collina dominada pela serra Dourada, legua ao norte do ribeirão da Fortuna, braço direito do rio dos Pilões, que tambem o é do rio Claro. Em frente á igreja, de elegante fron-

tespicio, com suas duas torres, ao sul de espaçosa praça, levantava-se a habitação dos governadores com seu portico coroado das armas reaes. Quatro torreões erguiam-se nos cantos das praças e os mais edificios que a circulavam eram terreos, de construcção regular. Por detraz da habitação dos governadores via-se um jardim de alguma extensão, regado por um ribeirão, cujas aguas foram em parte desviadas para o serviço do engenho de fiar.

N'uma dessas habitações terreas residia Damiana da Cunha, neta d'esse principal submettido de tão bon grado ao jugo da civilisação, que tantas commo-didades lhe apresentara; ahi cresceu á sombra da cruz; ahi casou-se com um brasileiro que depois abraçou a vida militar e de tal modo se conduziu na pratica das virtudes, que mereceu não só o respeito extraordinario dos indios aldeados e ainda dos selvagens, como a consideração e estima dos presidentes e principaes pessoas da provincia. Era uma mulher bella entre as mulheres da sua raça, mostrava-se polida, tinha gosto alegre, amavel e franco, e muita penetração de espirito, e fallava com muita clareza a nossa lingua.

Os Cayapós, porém, altivos de sua liberdade selvagem e de seu nome, avezados á vida nomada, zombavam dos esforços empregados pelo governo da provincia; sujeitando-se momentaneamente á civilisação, aprendiam o manejo das armas de fogo e depois abandonavam o lar domestico, corriam de novo a entranhar-se nas florestas e vinham unidos aos seus bater-se denodadamente com as bandeiras que os sitiavam por mar e por terra, sem temor dos homens que outr'ora tinham por deuses, e maneando tão bem como elles os terriveis trovões. Assim continuavam a ser o terror dos habitantes pacificos, que surprehendidos por suas correrias, viam roubadas e incendiadas as suas casas e pagavam com a vida a defeza de seus haveres.

Damiana Cunha, dotada de intelligencia menos

vulgar e de um coração generoso e altivo, contemplava com dôr os soffrimentos dos habitantes de Goyaz e a perseguição de que se tornavam dignos os seus irmãos primitivos; emprehendeu reduzi-los á fé e chamal-os ao governo da sociedade, ao seio do christianismo, para que fruissem os gosos do trabalho. A neta do cacique, como a chamavam, tinha comprehendido a sua missão; a fé a guiava aos duros sertões, abria-lhe o caminho para as tabas indianas, e o Cayapó até ali indomavel e altivo da sua liberdade bravia, dobrava a cerviz ás palavras insinuantes, cheias de amor, de caridade e de esperança, de uma mulher cara pelo sangue, que lhes pulsava nas veias.

Quatro vezes os povos da provincia de Goyaz correram á aldeia de S. José de Mossamedes para presenciar a sua entrada á frente de centenaes de indios, arrancados ás brenhas, que vinham submissos gosar dos fructos da civilisação e da paz, e quatro vezes a nobre neta do cacique recebeu em ovações estrondosas a prova do apreço de seus importantes serviços, depois de tanto; mezes de peregrinações e trabalhos.

No anno de 1808 entrou ella com setenta e tantos indios Cayapós de ambos os sexos ; vinha do sul dos sertões do Aragaia ; essa scena repetiu-se em 1820, sendo o numero de indios quasi o mesmo. O vigario Ignacio Joaquim Moreira e seu successor Philippe Nery da Silva lançaram a agua do baptismo sobre essas cabeças acurvadas pela fé e civilisação.

Foi por esta occasião que ella teve a honra de receber sob seu tecto a visita de Auguste de Saint Hilaire.

Preparava-se então para essa segunda entrada, e como o distincto viajante duvidasse do bom exito do seu projecto, ella lhe respondeu cheia de confiança : «E' preciso que elles não me respeitem tanto para que deixem de fazer o que eu lhes ordenar.»

Fez a terceira entrada nos sertões de Camapuan

no anno de 1825, pondo-se em viagem em dias de Maio e recolhendo-se no dia 24 de Dezembro de 1825, depois de sete mezes de peregrinações e fadigas.

O seu seguito era numeroso ; cento e dois individuos de ambos os sexos com dois capitães á frente abandonavam as suas rudes habitações, entravam contentes e satisfeitos no templo da formosa aldeia de Mossamedes, e submissos acceitavam das mãos do vigário Manoel Camello Pinto o baptismo que lhe abria as portas á nova existencia; e o proprio presidente da provincia, que correra-lhes ao encontro com demonstração de agrado, recebeu-os abraçando-os e mimoseando-os com varios brindes para captar-lhes a vontade e merecer-lhes a confiança das boas intenções que havia a seu respeito.

Nos ultimos dias do anno de 1829, os indios Cayapós apresentaram-se nas proximidades de Cuyabá com aspecto hostil; vinham commettendo roubos, depredações e assassinatos, e com tal ousadia e bravura que uma bandeira que desceu sobre elles foi obrigada a retirar-se com perda de um indio guanan.

Procurou-se oppôr maior resistencia, ou para chamal-os á ordem ou para afugental-os; formaram-se pois duas novas bandeiras que deviam atacal-os por terra e pelo rio, e os Cayapós aterrorisados com o apparato das armas, transpuzeram o Araguaia e appareceram nas visinhanças do rio Claro, na provincia de Goyaz. Durante o dia o fumo e durante a noite o clarão de suas fogueiras denunciavam que não estavam longe d'aquelle arraial, e seus habitantes previram com receio a hora tremenda da barbara excursão, quando veio tranquilisal-os o nome de Damiana da Cunha.

Era o digno marechal Miguel Lino de Moraes, presidente de provincia, que a chamava, implorando o soccorro da mulher missionaria ; e pela quarta vez deixou ella a sua habitação e acceitou a tarefa ardua

mas honrosa que se lhe commetia em nome da civilização.

Não era esse o seu sonho? Longe de dar-se por fatigada e procurar descansar para sempre sobre o prestígio que havia adquirido, coberta das benções de seus contemporaneos, anhelava novas entradas pelos sertões, antevendo novos triumphos no descimento de outras tribus que por lá existiam nas sombras do paganismo, e pois o ensejo nunca lhe foi mais favoravel.

O presidente Miguel Lino de Moraes lhe escreveu de seu proprio punho, dando-lhe bem cabidas instruções, repletas de conselhos fraternaes, n'uma linguagem condigna de quem em tão remotas paragens representava a pessoa do chefe da nação.

Ouçamos as suas palavras :

«À amisade com os indios Cayapós nossos visinhos muito me interessa.

«Se elles bem conhecessem as vantagens da vida social e a fortuna de viver no gremio da igreja catholica romana, seguindo os preceitos do grande Deus, auctor de tudo; se elles voluntariamente se apresentassem para existir entre nós, misturados com os moradores pacificos desta provincia, ajudando-os em seus trabalhos e aprendendo com elles a trabalhar para adquirir o necessario ás suas precisões, bem de pressa reconheceriam quanto perdem na vida errante em que vivem embrenhados pelos mattos como se fossem fêras.

«Esta verdade reconhecida por vós e por muitos outros Indios da mesma nação que entre nós vivem já civilizados, servirá de força de argumento para os persuadirdes a que acceitem o convite que por vós lhes mando fazer

«Assegurai-lhes que todas as minhas tencões, muito recommendadas por S. M. o imperador do Brazil, se dirigirem ao importante fim de os attrahir como nossos irmãos, filhos do Brazil, e que servindo so-

mente de lhes despertar o amor do bem, não é para perturbar a sua liberdade, pois que elles são livres e como taes serão sempre tratalos.

«Se encontrardes repugnancia em deixarem as suas aldêas para virem viver connosco, não os obri-gueis a isso e assegurai-lhes a permissão de poderem vir a esta capital a fallar commigo que os tratarei muito bem e lhes darei alguns brindes e ferramentas para os seus trabalhos.

Recommendai-lhes muito que respeitem os moradores d'esta provincia; que lhes não roubem as suas roças, nem matem pessoa alguma, unica fórma de serem por mim estimados; porém se obrarem ao contrario não se poderão admirar de que mande força armada ao matto para os castigar, porque os crimes são dignos de castigo.

«Se for possível ter intelligencia com os Indios Corôados, que se julgão ser da mesma nação Cayapó e que andão em guerra com a gente de Cuyabá, pe-lhes da minha parte que se deixem de atacar na estrada as tropas que sobem com negocio para aquella provincia, assim como os seus moradores, pois que d'ahi não tiram interesse, antes se expõem a ser perseguidos pelas bandeiras que teem ido sobre elles e que continuarão a marchar se elles não se accommodarem. Direi a seus capitães e maioraes que se elles deixarem os seus ataques, eu farei com que de Cuyabá procurem outra vez a sua amizade, e se acabe de uma vez essas desordens, e aos seus capitães e maioraes, dizei-lhes tambem que se apresentem para os brindar.

«Estas intrucções que vós deveis estudar antes de partir para o sertão, servirão de guia nos bons serviços que espero do vosso zelo pelo interesse desta provincia e dos povos da vossa nação Cayapó, a quem muito estimo.»

Damiana da Cunha recebeu da presidencia da provincia os brindes com que devia mimosear os seus

irmãos primitivos, e no dia vinte e quatro de maio de 1830 sahia para o sertão com seu marido Manoel Pereira da Cruz e um índio e uma India, José e Luiza, que a acompanharão sempre. Oito mezes divagou ella pelas florestas povoadas de feras; acompanhou os rios, ora descendo, ora subindo pelas suas humidas margens; vingou montes artipiados de rochedos, cavados de precipicios, e regressou depois á sua aldêa no dia 12 de janeiro de 1831.

Os Indios aldeados forão com danças e outras demonstração de alegria ao seu encontro, lá muito além de sua aldêa, pois tinham recebido noticias de sua aproximação pelos proprios que ella expedira do Tombador, além do rio Grande e proximo ao caminho de Cuyabá, e o presidente que se apressára em remetter lhe alguns viveres e munições, correu tambem a esperal-a com outras autoridades do logar.

O seu sequito, porém, era o menos numeroso de todos quantos vira Mossamedes em suas triumphantes entradas; Damiana da Cunha apoiada nos braços de seus Indios caminhava vacillante; seus olhos cheios de vida estavam como que apagados, e a tristeza se lhe desenhava nas faces amorenadas. Ah! era o anjo da morte que pairava sobre a sua cabeça, curva, inclinada para a terra!

O presidente foi visital-a, e o commandante das armas concedeu a seu marido alguns dias de licença para que podesse velar junto de seu leito. Tranquilla e resignada viu ella a morte approximar-se; repartiu o que possuia com seu irmão Manoel da Cunha, a quem tanto estimava; recebeu os socorros espirituaes, e como quem adormece, cerrou os olhos e um suspiro brando e suave se lhe desprendeu dos labios.

Tinha expirado a mulher missionaria que estragára a existencia em suas afanosas perigrinações e para quem a patria não teve uma recompensa digna de seus serviços.

Bem depressa propagou-se a fatal noticia, e a

consternação lavrou por toda as povoações da provincia; chorou-se muito tão sensível perda.

Já a esse tempo as casas sumptuosas da aldêa de S. José de Mossamedes cahião em ruinas . . . e já hoje pouco resta de tanta grandeza . . . nem talvez o Cayapó se lembre mais do nome de sua antiga s'berana, a neta do cacique, a mulher missionaria.

J. NOBERTO DE S. S.

